

CORPORALIDADE FEMININA: FEMINILIDADE DA MULHER ATLETA¹

Aline da Silva Oliveira,

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Ana Luiza Ferreira Cruz e Sousa,

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Barbara Araújo da Silva,

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Felipe Amaral Barbosa,

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO

A partir do panorama nacional acerca do esporte feminino analisamos como se configura a vida profissional de mulheres atletas. Metodologicamente, realizamos um ensaio etnográfico usando como instrumento entrevista semiestruturada e discutimos os termos que surgiram das falas. As entrevistadas afirmam que praticar esporte não altera a representação feminina do seu corpo. Por fim, identificamos que o cenário machista instalado no âmbito do esporte abre margem para a reafirmação da presença feminina nas atividades.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher atleta; Corporalidade; Esporte feminino.

APITO INICIAL – INTRODUÇÃO

Atualmente é difícil separar os esportes praticados por mulheres e feminilidade, assim como o preconceito e a resistência familiar sofrido pela maioria dessas atletas. No Brasil, onde o Futebol de Campo é considerado o esporte nacional, no entanto notamos pouquíssimos investimentos e interesse no Futebol Feminino, tanto por parte das federações e clubes quanto do público em geral. Historicamente a sociedade impõe uma separação dos esportes pelo gênero. Por exemplo, os esportes com maior contato físico (futebol, basquete, lutas e outros) são considerados efetivamente masculinos. Por outro lado, o vôlei que é um esporte que não há contato físico direto com o adversário é culturalmente taxado como um esporte para mulheres.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Apesar do exposto anterior, o relato das atletas entrevistadas nos mostrou um ambiente diferente. A maioria relatou que não vê o esporte implicar em sua feminilidade, independentemente dessa modalidade ser considerada “masculinizante” ou não. Por isso, podemos acreditar em uma “virada de jogo”, já que “Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado à luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos” (ADELMAN, 2003, p.04).

Na pesquisa com mulheres atletas de diferenciados esportes de equipes da Universidade Federal do Pará (UFPA), buscamos averiguar justamente os pontos-chaves dessa problemática. Estimulamos as atletas para que expusessem suas peculiaridades, possíveis preconceitos sofridos, a sua adaptação com o esporte que pratica e se o esporte afetava sua feminilidade. Apesar da cultura ainda machista, podemos alertar para a importância da inserção das mulheres nos esportes, visto que o mesmo é propagador de cultura, qualidade de vida e lazer.

Metodologicamente, realizamos um ensaio etnográfico, submetemos três atletas a uma entrevista semiestruturada e discutimos em tópicos os termos que surgiram das falas. Tivemos como objetivo saber a configuração da corporalidade feminina no âmbito do esporte à luz da opinião de mulheres atletas.

TÁTICA – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A etnografia constrói conhecimento em Antropologia diferentemente, uma vez que ela depende da inter-relação do pesquisador e o campo, além disso, ela exige a convivência mais ou menos prolongada no lócus da pesquisa (ROCHA, ECKERT, 2008). Tendo isso em vista, esse trabalho é resultado de um ensaio etnográfico possuindo o Ginásio Poliesportivo da Universidade Federal do Pará como lócus da pesquisa, a escolha deste local se justifica, pois estavam ocorrendo o X Jogos da UFPA no mês de novembro e dezembro, período que foi realizada a pesquisa. É válido destacar a dificuldade de conseguir um campo para a observação, além de ser escasso é complicado o sistema de permissão para frequentá-los, portanto, optamos por observar a fase classificatória de futsal e basquete feminino dos jogos, por ser de fácil acesso. Dessa forma, aplicamos a entrevista semiestruturada, que consiste em perguntas básicas com eixos temáticos do trabalho, permitindo adicionar durante a entrevista novas perguntas que forem relevantes ao processo (TRIVIÑOS, 1987, p. 146), com três

mulheres dos esportes já citados, além disso, registramos as entrevistas de forma escrita no caderno de campo. Importante ressaltar que dos sete integrantes da equipe, duas fizeram a observação participante e o restante não participante, uma vez que, elas integram o time de educação física. Os temas identificados nas falas das entrevistadas e na literatura lida serão discutidos em tópicos no decorrer do texto.

UNIFORME – CORPORALIDADE FEMININA

A corporalidade feminina se definia em função da missão equivocada das mulheres como reprodutoras. A elegância e a delicadeza eram atributos femininos altamente valorizados em décadas passadas, por isso houve um receio grande em relação ao exercício físico para as mulheres. Ao decorrer do século XX o quadro discretamente mudou, permitindo que algumas atividades físicas leves pudessem ser realizadas pelas mulheres, porém, sendo convergindo para a estética ou para a missão de ser mãe. As características do esporte misto, no qual mulheres e homens competem juntos, contribui para a construção de discursos igualitários, é importante ressaltar que nem sempre foi assim, muito pelo contrário, tal situação representa o desfecho de um longo processo de lutas femininas para ocupar espaço nos esportes (ADELMAN, 2003).

A corporalidade feminina usa o termo no sentido da subversão de significados referentes a corpos femininos disciplinados e dóceis a corporalidade e as formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a condicionamentos sociais e culturais cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social.

É importante ressaltar que os espaços e formas de exercitação física que se verificam no campo das práticas corporais é uma intenção de conter o avanço das conquistas femininas. Tendo como objetivo analisar, interpretar e discutir sobre a corporalidade feminina, a partir da desconstrução histórica dos significados e imagens de corpos e seus vários determinantes, inclusive os educacionais (GONÇALVES, 1994), concentrando-nos nesta pesquisa bibliográfica exploratória, observando a corporeidade feminina.

Visto isso, as atletas entrevistadas afirmam que praticar esporte não altera a representação feminina do seu corpo e não admitem modificações masculinizantes, dessa

forma, resistindo à ideologia antiga do corpo feminino frágil e incapaz de realizar várias atividades físicas de contato.

VANTAGEM – FEMINILIDADE

A feminilidade é um conceito cultural bastante naturalizado, porém ainda muito controverso nos estudos feministas. Definida de maneira arbitrária e hegemônica dentro de uma sociedade patriarcal, esta normatividade sobre o que é ser/parecer mulher tem sido bastante questionada desde as primeiras ondas feministas. Afinal o que é ser feminina: um aspecto natural das mulheres ou uma construção de um imaginário cultural e midiático? A questão da feminilidade aparece como um fator chave da ligação entre a mulher, enquanto sujeito, e a construção da imagem ideal da mulher, baseada nos interesses de uma sociedade regida pela cultura patriarcal.

Quando falamos em mulher, logo associamos ao sexo frágil, ao sexo desprotegido. Para a mulher ter a "verdadeira feminilidade", ela deve ser meiga, gentil e fisicamente frágil ou amorosa, sensível e delicada (MELO; GIAVONI; TRÓCCOLI, 2004). Atributos estes da típica dona de casa e fiel esposa. Assim, esportes violentos deveriam passar longe das experiências de socialização de meninas e moças, visto que a feminilidade normativa ainda se associava à maternidade. Portanto, a prática esportiva entre as mulheres era mal vista perante os olhos da sociedade, já que era sinônimo de homossexualismo ou "coisa" de homem. Além da questão da feminilidade, ainda existe a desvalorização da mulher como atleta. Usualmente não se tem o mesmo reconhecimento frente a um bom resultado; a remuneração é diferente entre atletas do sexo feminino em relação ao sexo masculino, mesmo praticando a mesma modalidade como ocorre no futebol de campo, em que as atletas muitas vezes além de treinarem ainda têm que trabalhar para complementar a sua renda.

Apesar de as mulheres atletas não serem mais vistas como homens ou homossexuais, a questão da feminilidade continua ainda muito presente. O esporte de alto rendimento exige um desempenho ligado à condição física levando à incorporação de força física e musculosidade que não condiz com a feminilidade convencional (SILVEIRA; VAZ, 2014).

Na entrevista realizada com atletas, que praticavam futsal e basquetebol, apesar de não acharem que sua opção esportiva interferiu na sua feminilidade, reconhecem que as mulheres têm menor incentivo ao esporte, menor valorização de suas conquistas e menores

oportunidades de profissionalização, além de algumas ainda sofrerem preconceitos em relação à sua feminilidade.

INFRAÇÃO – PRECONCEITO NA PELE FEMININA

O mundo esportivo há muito tempo é lugar de luta, onde mulheres buscam conquistar espaço para se inserirem. Essa constante luta assinala tanto avanços quanto conflitos, como por exemplo, mesmo os esportes de caráter unissex (praticado por homens e mulheres), são avaliados em termos de gênero. O preconceito de gênero imerso na cultura machista tem a concepção de que práticas comuns ao universo da cultura física e esportiva, como o suor excessivo, rivalidade, músculos delineados e esforço físico, quando relacionadas às mulheres, contornam a imagem ideal de ser feminina. Isso em uma sociedade onde ainda se descreve o que uma mulher tem ou não que fazer para ser considerada feminina.

Durante a entrevista realizada com as atletas podemos perceber que o preconceito contra elas está arraigado, não somente por serem mulheres, mas também pelo esporte que por elas foi escolhido para praticar, julgando ser “esporte para meninos”, como cita uma das entrevistadas. Essa descriminalização percorre por toda a fase de crescimento, desde quando crianças, na iniciação ao esporte, passando pela adolescência até os dias atuais. Por meio da experiência adquirida neste ensaio etnográfico podemos evidenciar que as mulheres atletas, ainda que sofram prejulgamentos no e pelo esporte reafirmam sua feminilidade e sua identidade, assumindo e conquistando seu lugar e vez nos esportes padronizados aos moldes masculinos.

APITO FINAL – CONCLUSÃO

Diante do exposto acima, podemos perceber que o cenário machista instalado no âmbito do esporte está abrindo caminho para a reafirmação da presença feminina nas atividades, haja vista que a respeito da configuração corporal feminina as mulheres atletas possuem a certeza de que a prática não altera sua feminilidade e que a maioria delas possui o apoio essencial da família, parte importante na formação de um atleta.

É válido ressaltar o espaço já conquistado pelas mulheres, e por ele existir as nossas entrevistadas possuem a satisfação em praticar as modalidades de futsal e basquete, resistindo a todo preconceito em volta da atividade, seja ela pela família ou pessoas que convivem,



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

paradigmas masculinizantes e a falta de investimento, dessa forma, a configuração da corporalidade feminina nesse contexto é sinônimo de fortaleza, independência e constante luta para conquistar a significativa representatividade que as mulheres atletas merecem.

FEMALE BODY: ATHLETE WOMAN'S FEMININITY

ABSTRACT

From the national panorama on women's sport, we analyze how the professional life of women athletes is configured. Methodologically, we performed an ethnographic essay using the semi-structured interview instrument and discussed the terms that emerged from the speeches. The interviewees claim that playing sports does not change the female representation of their bodies. Finally, we identified that the sexist scenario installed in the context of sport leaves room for the reaffirmation of the female presence in activities.

KEYWORDS: Athlete woman; Corporality; Women's sport.

CUERPO FEMENINO: FEMINIDAD DE MUJER ATLETA

RESUMEN

Desde el panorama nacional del deporte femenino, analizamos cómo se configura la vida profesional de las mujeres deportistas. Metodológicamente, realizamos un ensayo etnográfico utilizando el instrumento de entrevista semiestructurada y discutimos los términos que surgieron de los discursos. Los entrevistados afirman que la práctica de deportes no cambia la representación femenina de sus cuerpos. Finalmente, identificamos que el escenario sexista instalado en el contexto del deporte deja espacio para la reaffirmación de la presencia femenina en las actividades.

PALABRAS CLAVES: Mujer deportista; Corporalidad; Deporte femenino.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.





CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

HILLEBRAND, Marinez Domeneghini; GROSSI, Patrícia Krieger; DE MORAES, João Feliz. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **Psico**, v. 39, n. 4, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Iuminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p.**, 2008.

MELO, Gislane Ferreira de; GIAVONI, Adriana; TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 251-256, 2004.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 447-475, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto NS. A pesquisa qualitativa em educação. **São Paulo: Atlas**, 1987.

